

Alemanha quer elevar parceria com Brasil e mira sustentabilidade¹

Robert Habeck²

A Alemanha quer fortalecer a cooperação econômica com o Brasil, com foco principalmente em setores sustentáveis. “Com a mudança de governo no Brasil, uma porta se abriu para uma cooperação estratégica mais intensa”, diz Robert Habeck, vice-premiê da Alemanha e ministro da Economia e Ação Climática.

“Eu gostaria que aprofundássemos ainda mais nossas relações econômicas”, disse Habeck em entrevista por escrito. “O importante agora é construir cadeias de valor verdes, que são de interesse econômico para ambos os países. Um bom exemplo é o setor energético”, citou.

É a primeira visita do político alemão ao Brasil. Ele chegou no fim de semana a Belo Horizonte, com uma delegação de empresários e o ministro alemão de Alimentação e Agricultura, Cem Özdemir. A parada na capital mineira era para participar da abertura do 39º Encontro Econômico Brasil-Alemanha e encontrar Geraldo Alckmin, vice-presidente e ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. Os empresários alemães da comitiva tinham interesse em bioeconomia, energia, tecnologia e digitalização.

Antes de embarcar, Habeck disse que um dos focos de sua visita seria promover o acordo de livre-comércio entre União Europeia e Mercosul, segundo a “Deutsche Welle”. O que está em discussão no acordo agora entre os dois blocos é um instrumento adicional com compromissos na área ambiental. Para os europeus, este instrumento precisa ser juridicamente vinculante, mas o Mercosul rejeita sanções.

Habeck tem esperança que o acordo seja destravado na gestão Lula. “Com o acordo UE-Mercosul agora temos a chance de mostrar que comércio implica

¹ Entrevista publicada no Valor Econômico. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2023/03/14/alemanha-quer-elevar-parceria-com-brasil-e-mira-sustentabilidade.ghtml>. Acesso em: 15 de mar. 2023.

² Vice-Primeiro Ministro e Ministro da Economia e Ação Climática da Alemanha.

sustentabilidade. Por isso, há um trabalho de fortalecimento dos compromissos de sustentabilidade”, esclareceu.

Um ponto importante da visita, que o vice-premiê reforça na entrevista, é ampliar a cooperação nas energias renováveis, principalmente em hidrogênio verde. Habeck discorda da avaliação de alguns analistas globais de energia de que há muita oferta sendo preparada, em hidrogênio verde, com uma corrida em muitos países - mas que a demanda talvez não justifique o tamanho do esforço.

“Para os países industrializados, em particular, o hidrogênio verde é o elemento fundamental para descarbonizar áreas como a indústria de cimento e a siderurgia, apostando em hidrogênio em vez de carvão”, diz. “Nesse quesito, uma enorme demanda está se desenvolvendo atualmente no mercado mundial. Somente na Alemanha já esperamos para os próximos dez anos um aumento maciço na demanda por hidrogênio produzido de forma sustentável, algo para muito mais de 100 terawatts-hora por ano”, ilustra.

Habeck, 53 anos, é um dos políticos mais proeminentes do governo alemão. De 2018 a 2022 foi líder do partido Aliança 90/Os Verdes com Annalena Baerbock, atual ministra das Relações Exteriores. Nascido em Lubeck (a cidade natal do escritor Thomas Mann), estudou filosofia e também é escritor. Com a guerra na Ucrânia e as dificuldades de a Alemanha seguir importando gás russo, teve que tomar decisões difíceis, como aceitar a retomada do uso de carvão no país.

“Essa foi uma das decisões mais dolorosas para mim como ministro da Ação Climática - tivemos que usar mais energia de carvão do que estava planejado, porque precisamos economizar gás na geração de energia”, reconhece. “Mas a Alemanha superou a dependência do gás russo mais rápido do que o esperado porque pusemos todos os esforços e mecanismos disponíveis em ação”, diz ele, mencionando investimentos em infraestrutura para receber gás liquefeito de petróleo, incentivar a economia de energia no país e dar forte estímulo às renováveis.

A visita de Habeck e Özdemir mostra, mais uma vez, o interesse da Alemanha em retomar as relações com o Brasil depois do distanciamento nos anos do governo Bolsonaro. Na posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva esteve o presidente alemão, Frank-Walter Steinmeier, e a ministra do Meio Ambiente, Steffi Lemke. O Brasil de Lula já recebeu a visita do chanceler alemão, Olaf Scholz, e da ministra da Cooperação Econômica, Svenja Schulze.

Segundo o jornal de economia alemão “Handelsblatt”, citado pela DW, Brasil e América do Sul cresceram em importância com a guerra na Ucrânia e o aumento das tensões entre EUA e China. A região se torna mais importante pelo potencial de produzir energia sustentável, alimentos e matérias-primas que a Alemanha precisa, além de se tornar um mercado atraente.

Na segunda-feira (13), os ministros foram a Brasília. Tinham agendas com o ministro Mauro Vieira, das Relações Exteriores, Alexandre Silveira, de Minas e Energia, e Carlos Henrique Fávero, da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Hoje viajam a Manaus para visitar um projeto que procura proteger as florestas, preservar a biodiversidade e trabalhar com populações ribeirinhas. Depois, seguem para a Colômbia.

“O Brasil possui uma população muito jovem, ao mesmo tempo em que faltam oportunidades adequadas de formação profissional e trabalho”, destacou Habeck.

A seguir, os principais trechos da entrevista:

O senhor veio ao Brasil para o encontro econômico Brasil-Alemanha, em Belo Horizonte. Por que esse evento é importante?

É minha primeira visita ao Brasil e estou muito feliz por estar aqui. A ideia de um mundo multilateral está sob enorme pressão nos dias de hoje, devido ao fortalecimento de esferas de interesses e de pretensões hegemônicas. Ao mesmo tempo, sabemos que nenhum país do mundo pode solucionar os problemas sozinho, sobretudo a crise climática. Precisamos de mais cooperação política e econômica. É diante desse cenário que vejo minha visita ao Brasil. Eu gostaria que aprofundássemos ainda mais nossas relações econômicas, e o Encontro Econômico Brasil-Alemanha é um importante espaço para isso.

Por isso viajei acompanhado de uma delegação econômica - as trocas pessoais têm um grande papel e a experiência da pandemia mostrou que uma videoconferência não substitui a conversa direta. É bom que esse encontro econômico Brasil-Alemanha seja realizado novamente ao vivo e presencial.

Qual expectativa o senhor tem em relação ao novo governo Lula-Alckmin? Por que sua visita neste momento é importante?

Com a mudança de governo no Brasil, uma porta se abriu para uma cooperação estratégica mais intensa. Agora temos a chance de mostrar que democracias são capazes de superar os grandes desafios, principalmente na proteção do clima. Queremos aproveitar essa chance e é por isso estamos aqui. Evidentemente esse é um caminho que temos a percorrer. Mas o Brasil, em especial, sabe pela experiência dos últimos anos o valor da democracia, como é importante que a tratemos como um tesouro e que nos fortaleçamos mutuamente. É também por esse motivo que queremos apoiar o governo Lula. Por isso concordamos também em retomar as consultas intergovernamentais Brasil-Alemanha neste ano.

Qual o potencial para que a relação comercial entre Brasil e Alemanha possa avançar?

Temos boas relações econômicas, mas não estamos aproveitando ainda suficientemente os potenciais de ambas as partes. O importante agora é construir cadeias de valor verdes, que são de interesse econômico para ambos os países. Um bom exemplo é o setor energético, que oferece ótima oportunidade de cooperação em relação à expansão das energias renováveis e ao hidrogênio verde. Já temos uma parceria energética estabelecida entre os nossos países, mas queremos vitalizá-la ainda mais.

Em comparação com a Alemanha, o Brasil possui uma população muito jovem, ao mesmo tempo em que faltam oportunidades adequadas de formação profissional e trabalho. Por isso, também cooperamos muito intensamente na área de mão de obra especializada e formação profissional técnica. Não se pode esquecer também o setor agropecuário, tão importante e inovador no Brasil. Por isso faço esta viagem com o meu colega ministro da Agricultura, Cem Özdemir.

O mundo tem que cortar emissões. Países com problemas econômicos estão voltando ao carvão, um quadro agravado pela guerra na Ucrânia. É o caso do Paquistão, que tem 230 milhões de pessoas. Como reverter isso? Como fazer com que economias emergentes, com problemas, cortem emissões de gases-estufa?

A guerra na Ucrânia, com a agressão russa, desencadeou no ano passado uma crise energética sem precedentes que sobretudo a Alemanha teve que enfrentar. Nós também - e essa foi uma das decisões mais dolorosas para mim como ministro da Ação Climática - tivemos que usar mais energia de carvão do que estava planejado, porque precisamos economizar gás na geração de energia. Foi árduo. No entanto, justamente essa crise deixou mais evidente do que nunca que a expansão das energias renováveis e o abandono das energias fósseis são uma questão de segurança energética. E este é o caminho que temos de trilhar. A Alemanha está determinada a apoiar os esforços dos países parceiros na proteção climática internacional.

Descarbonização, para a Alemanha, é principalmente um problema de energia. A guerra na Ucrânia representou um revés nos planos, a curto prazo, para os compromissos climáticos do país. A descarbonização alemã está sendo acelerada para reduzir a dependência do gás russo?

A Alemanha superou a dependência do gás russo mais rápido do que o esperado porque pusemos todos os esforços e mecanismos disponíveis em ação. Enchemos os reservatórios de gás e, em poucos meses, instalamos uma infraestrutura

completamente nova com terminais de gás liquefeito no litoral alemão. Nós - economia e sociedade - poupamos energia em larga escala e promovemos fortemente a expansão das renováveis.

No ano passado aprovamos um dos maiores planos de governo para energias renováveis, com o objetivo de dar maior rapidez na expansão, nos processos de planejamento e nas licenças. A estrutura está estabelecida, agora depende de implementações concretas em todas as esferas - nacional, regionais, nos Estados e municípios. O ponto positivo é que finalmente vemos uma dinâmica. A expansão está avançando.

O problema energético na Alemanha está resolvido?

Tornamos a crise energética sob controle graças aos esforços conjuntos no país e na União Europeia. A guerra da Rússia na Ucrânia provocou aumento nos preços de energia no mundo todo e trouxe preocupações quanto à segurança do abastecimento. Tanto a comunidade internacional como a União Europeia reagiram com claras sanções contra a Rússia e, na União Europeia, cooperamos estreitamente para nos tornar independentes do gás russo, do petróleo russo e do carvão russo. Em virtude da ação política consequente na Alemanha, temos a situação sob controle. O abastecimento de energia para este inverno está garantido, e continuamos a trabalhar da mesma forma para estarmos bem preparados para o próximo inverno também, de 2023/24.

Qual será o impacto na competitividade industrial? Boa parte dessa competitividade era baseada no gás russo barato.

Sim, no passado confiamos por tempo demais no gás russo barato e ignoramos todos os alertas dos nossos parceiros do Leste Europeu. Aprendemos com esses erros. Passo a passo e setor por setor nos tornamos independentes das importações de combustíveis fósseis da Rússia. Contudo, só podemos alcançar resiliência e autonomia com a ampliação das energias renováveis. Observamos, em muitos polos empresariais, que as energias renováveis se tornaram há muito tempo um fator determinante da localização, ou seja, as empresas vão para regiões onde há energia verde suficiente. Isso faz com que a renovação do nosso abastecimento de energia e da nossa economia rumo à neutralidade climática também seja, sim, uma grande oportunidade. Percorrer o caminho mais fácil, porque é confortável deixar tudo assim como está, pode acabar prejudicando a nossa economia pois perdemos em poder de inovação e competitividade.

Sobre hidrogênio verde: alguns estudiosos enxergam muitos países buscando desenvolver a oferta, mas poucos compradores, uma dinâmica inversa à do

petróleo. O senhor acredita que está ocorrendo isso mesmo? Muita oferta sendo preparada para pouca demanda?

Não. Não concordo com isso. Para os países industrializados, em particular, o hidrogênio verde é o elemento fundamental para descarbonizar áreas como a indústria de cimento e a siderurgia, apostando em hidrogênio em vez de carvão. Nesse quesito, uma enorme demanda está se desenvolvendo atualmente no mercado mundial. Somente na Alemanha já esperamos para os próximos dez anos um aumento maciço na demanda por hidrogênio produzido de forma sustentável, algo para muito mais de 100 terawatts-hora por ano. Até 2045, esperamos uma multiplicação da demanda atual de hidrogênio. Por isso, fico muito contente que existam tantos projetos interessantes de hidrogênio no Brasil também. Nesse campo, existe grande potencial para uma cooperação mais estreita.

Uma controvérsia atual no acordo UE-Mercosul é sobre as sanções no instrumento adicional de compromissos na área ambiental. Para Bruxelas, é importante que seja juridicamente vinculante, posição rejeitada pelos países do Mercosul. O senhor imagina qual solução para o impasse?

Estou confiante a esse respeito. Depois da mudança de governo, o Brasil deixou muito claro como considera importante a proteção de sua floresta tropical. Nós também queremos uma proteção florestal efetiva. Com o acordo UE-Mercosul, agora temos a chance de mostrar que comércio implica sustentabilidade. Por isso, há um trabalho de fortalecimento dos compromissos de sustentabilidade, a Comissão Europeia está elaborando um instrumento adicional correspondente para o Acordo. Nosso objetivo é uma cooperação aprofundada: juntos pela proteção do clima e pela prosperidade, por uma transformação efetivamente sustentável.

Qual o papel do Brasil na descarbonização global?

O Brasil desempenha um papel muito relevante nessa questão. Por um lado, como sétimo maior emissor de gases de efeito estufa, o Brasil tem uma grande responsabilidade no próprio país. E o novo governo já está se empenhando muito. Por outro lado, no combate à crise climática, os esforços do Brasil pela proteção e pelo reflorestamento da Amazônia são praticamente essenciais à sobrevivência da humanidade. Queremos, portanto, cooperar de maneira mais próxima com o Brasil no combate à crise climática. E é claro que há grandes potenciais para uma cooperação mais estreita, precisamente na área de energias renováveis. O Brasil já detém hoje uma enorme participação em energias renováveis, fazendo parte dos líderes mundiais na área. E também há avanços muito expressivos em relação ao hidrogênio verde. Este ano, existe uma série de

eventos importantes e teremos satisfação em apoiar a presidência do Brasil no G20 em 2024.